



*Agenda 150 Anos de Memória
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao
Desembargador Volney Corrêa Leite de
Moraes*

11/11/2015

ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

DISCURSO - Des. Ricardo Henry Marques Dip (Orador em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo)

DISCURSO PROFERIDO EM NOME DA FAMÍLIA - Maria Regina Moraes da Silveira (filha do homenageado)

LEITURA DE TEXTO - Maria Beatriz Silva Moraes (filha do homenageado)

ENCERRAMENTO - Des. Eros Piceli (Vice-Presidente do Tribunal de Justiça)

A Corte paulista, em cerimônia realizada no Palácio da Justiça, homenageou o desembargador **Volney Corrêa Leite de Moraes**, em continuidade à Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante.

O intelecto e a integridade do desembargador Volney Corrêa Leite de Moraes Júnior foram lembrados durante a **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante**.

Volney Corrêa Leite de Moraes Júnior nasceu em março de 1941 na cidade de São Paulo. Estudou Direito na Universidade Mackenzie, completando o curso em 1964. Ingressou na Magistratura em 1974, sendo nomeado para a 3ª Circunscrição Judiciária, com sede em Santo André. Trabalhou também em Rancharia, São Vicente, Santo André, Cubatão, Santos e na Capital. Em 1989 assumiu o cargo de juiz do Tribunal de Alçada Criminal, onde atuou por 14 anos, assumindo o posto de desembargador do TJSP em 2003. O homenageado faleceu em 2005, aos 64 anos.

O orador em nome do Tribunal de Justiça foi o próprio coordenador do projeto, desembargador **Ricardo Henry Marques Dip**, que por anos conviveu com o homenageado.

Para o desembargador Ricardo Dip, Volney destacava-se por “ter sido ao longo de 30 anos de carreira, o maior dialético do Tribunal”, homem que “nunca entregou a integridade de seu caráter”. O orador narrou diversas passagens de sua amizade com o homenageado, como a camaradagem no Tribunal de Alçada Criminal, o processo de redescoberta da fé em Deus e a produção do livro “Crime e Castigo: reflexões politicamente incorretas”, do qual os dois amigos foram coautores. “Conheci um pensador, conheci um homem leal, conheci um intransigente em relação à verdade”, resumiu Dip.

A oradora em nome da família foi **Maria Regina Moraes da Silveira**, filha do homenageado:

Por longos meses a ausência do meu pai, sempre intensamente presente, só me trouxe dor e inconformismo. Dor pela perda irreparável, inconformismo pela sua prematuridade e pela injustificada conclusão a que todos os médicos chegaram: a de que ele não tinha nada.

Quando enfim percebi que deveria canalizar toda essa dor, todo esse sofrimento para alguma finalidade, só enxerguei a gratidão. Ele era um homem essencialmente grato ao que vida tinha lhe trazido de bom, aos amigos, aos pais, à esposa, às filhas e netos. Não enfocava jamais às batalhas perdidas, aos dissabores que eventualmente sofreu, as dificuldades. Tinha enorme compaixão e generosidade.

Talvez todos, ou quase todos, achem na infância que o pai é o homem mais especial do mundo. Comigo aconteceu o inverso. Minha infância foi boa e meu pai foi carinhoso e dedicado, mas minha mãe era especial demais para que qualquer outra pessoa fosse o meu herói. Também era cercada pelos meus quatro avós, já que meus pais eram filhos únicos. Dos meus avós, ficaram as mais doces lembranças da infância. Das minhas avós, meus exemplos de força e coragem. E tinha minhas irmãs, minhas bonecas de verdade.

Assim, até que eu me tornasse adulta, eu ainda não enxergava meu pai como ele realmente era. Mas – quis o destino, a vida ou eu mesma – que eu fizesse o mesmo curso superior que fizeram meus pais. Minha mãe não seguiu a carreira para cuidar de nós, assim, quando me formei, fui trabalhar com meu pai. E com ele fiquei por treze anos, até que se licenciou para nunca mais voltar.

Nesses anos, em que também me casei e tive filhos, aprendi a admirá-lo, a me espantar com o seu saber jurídico, a me comover com seu senso de justiça e a, finalmente, fazer parte do seu séquito de seguidores. Porque, estranhamente, ele os tinha. Pessoas que o admiravam incondicionalmente, que acreditavam em sua sabedoria, cultura, integridade, honestidade, que o consultavam sobre tudo, que ficavam inebriadas com seu conhecimento, que gargalhavam com seu senso de humor, que acatavam suas conclusões invencíveis.

Não sei o que dele ficará para os meus filhos e sobrinha, ou que qualidades eventualmente herdaram.



Depois que ele se foi, as pessoas nos procuraram incansavelmente para elogiá-lo, nos contar como ele as ajudou, estendeu a mão quando mais precisaram, como se esforçou para garantir que tivessem suas necessidades atendidas... falaram sobre sua ética, vasta cultura e diziam que era o homem mais inteligente que já conheceram. Também foi muito lembrado por sua coragem e sua incessante luta sobre o que acreditava ser justo. Nós, nós da família, que o conhecemos de perto, sabemos que ele era, acima de tudo, um homem bom.

Outra das filhas, **Maria Beatriz Silva Moraes**, leu um texto de autoria do presidente do Tribunal de Justiça, desembargador José Renato Nalini, escrito em ocasião do falecimento de Volney, em 2005:

Não vou fazer um necrológico convencional. Volney não era convencional. Era surpreendente.

Antes de conhecê-lo pessoalmente, já ouvira sua fama. Um dos mais brilhantes intelectuais da Magistratura. Vim a conviver com ele no saudoso Tacrim durante mais de dez anos. Pude comprovar seu talento, cultura, vivacidade, tirocínio e agilidade mental. Era um perigo esgrimar-se com ele nas plenárias. Sutileza, ironia e senso finíssimo de humor colocavam o adversário em risco permanente. Sempre que tomava a palavra, os pares silenciavam. Suas intervenções não eram a rotina das assembleias. Eram sempre insólitas, inesperadas, criativas. Surpreendiam. Ele mesmo era surpreendente.

Chegava a gestos de extrema generosidade. Durante bom período, preocupou-se com minhas leituras e me passava todos os livros que acabava de ler. Eram densos e vinham já destacados os trechos que entendia mais instigantes. Muitas vezes seus comentários manuscritos, verdadeiras glosas, eram melhores do que o texto original. Facilitavam a compreensão, abriam um universo novo para o leitor. Beneficiei-me bastante desse método.

Interessava-se pela sorte dos amigos. Ainda recentemente, já em seu leito de sofrimento, indagava daqueles que passariam por cirurgias e queria saber o resultado em todos os detalhes. Uma característica muito própria de Volney era a de não ter pressa ao telefone. Tinha toda a paciência do mundo para se comunicar com aqueles que privavam do seu convívio.

Visão institucional bastante consistente, nunca esteve ausente das lutas travadas pelo Judiciário e por seus integrantes. Defendia com eloquência e persuasão os seus pontos de vista. Nem sempre coincidentes com a maioria. Tinha uma visão de mundo bastante peculiar. Era crítico e não transigia com seus princípios. Animado de forte convicção, criticava os nefelibatas que não enxergavam a realidade. Em especial no pertinente à criminalidade, cujo combate considerava lasso e leniente.

Estimulava a produção intelectual dos amigos. Reconhecia os méritos alheios. Era leal e solidário.

Por situar-se muito acima do patamar mediano da comunidade jurídica, nem sempre foi bem compreendido. É o tributo que se costuma pagar ao universo liliputiano. Foi reconhecido por aqueles que sabem discernir. Por isso o rol qualificado de seus amigos, dentro e fora da Justiça. Daí o reconhecimento que levou aqueles mais talentosos dentre os que exerceram a mais importante função no Judiciário – a Corregedoria Geral – a não dispensarem seus préstimos como um dos mais qualificados juízes corregedores que já serviram à Justiça bandeirante.

Volney sofreu bastante e por muitos motivos. Mas também fruiu com intensidade os prazeres que permitem identificar um homem sábio. A leitura, a escrita, a música e a viagem. Viajou pelo mundo como poucos. E não era o turista acidental que faz o circuito clássico e nem sabe o que viu. Profundo conhecedor da História, percorreu com olhos de sapiência recônditos pouco visitados pelo viajor consumista. Aproveitou-se, nesta passagem efêmera, daquilo que a vida reserva para alguns poucos selecionados.

Nos anos recentes descobriu – ou redescobriu? – a mística. Já não se satisfazia com as respostas da ciência para um universo prenhe de indagações e com respostas insatisfatórias. Encontrou-se com Deus. Com certeza, foi alvo de uma recepção fidalga na esfera que a Providência reserva para espíritos muito seletos.

“Que bom revê-lo, Volney! Eu estava a necessitar de interlocutores capazes de entender as mensagens que



estou a enviar ao mundo! A humanidade parece estar acometida do vírus da incompreensão! Seja muito bem-vindo, meu filho!”.

Não estranharia se este fosse o teor da saudação do Pai ao seu filho muito especial, o desembargador Volney Corrêa Leite de Moraes Jr., que retornou à morada etérea em 29 de outubro de 2005.

José Renato Nalini, desembargador.

Por fim pronunciou-se o vice-presidente da Corte, desembargador **Eros Piceli**. Elogiou o discurso do orador e, para a família, deixou claro que o homenageado jamais será esquecido. “A recordação e a lembrança trazem de volta, tornam vivo o personagem.”

Compareceram também à solenidade o decano do TJSP, desembargador José Damiano Pinheiro Machado Cogan; o presidente da Seção de Direito Privado do TJSP, desembargador Artur Marques da Silva Filho; o presidente da Seção de Direito Público, desembargador Ricardo Mair Anafe; os genros do homenageado André Luis, Júlio e Leandro; netos Laura, Arthur e Stella; demais desembargadores, juizes, advogados, familiares e servidores.

